

Atividade pode desacelerar e país ainda cresce 4,0%

Denise Neumann
De São Paulo

O segundo semestre começa com duas “novidades” que jogam contra a expansão econômica. Juros externos e internos mais altos que o previsto (e sem perspectiva de queda no curto prazo) e inflação ao consumidor mais pressionada, corroendo a já debilitada renda real.

Mesmo com esse cenário pouco animador, o ritmo de atividade entre julho e dezembro pode arrefecer um pouco, e ainda assim o país pode crescer entre 3,5% e 4,0% em 2004, segundo estimativas de alguns economistas. Outros, contudo, mantêm uma leitura mais pessimista do cenário interno.

O grupo de conjuntura do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IE-UFRJ) projeta uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) de 4,0% este ano. “Todos os indicadores — produção, vendas, arrecadação de impostos e até a ocupação, já apontam na mesma direção”, observa o professor Francisco Eduardo Pires de Souza, coordenador do grupo.

Souza explica que nas contas do grupo, a taxa de crescimento do PIB acumulada nos últimos três trimestres (terceiro e quarto de 2003 e primeiro de 2004) está em 3,6%. Para que a taxa anual chegue a 4,0%, esse crescimento pode recuar para 2,4% nos demais trimestres de 2004. “Se a economia continuasse crescendo no mesmo ritmo do primeiro trimestre, o ano terminaria com uma expansão de 4,9%”, diz Souza, com base nos cálculos do grupo de conjuntura da UFRJ.

Nas contas da MCM Consultores, o PIB deste ano deve ficar em 3,5%. “E 2,0 pontos deste total já estão garantidos”, diz Celso Toledo, economista-chefe da MCM. “Há muito bons sinais”, diz ele. E destaca a retomada da construção civil e os dados do comércio, além do início da retomada do emprego. “Em abril, com ajuste sazonal, o resultado do comércio já superou a média do ano 2000”, calcula. “O ciclo de queda está chegando ao fim”, acrescenta.

A diferença entre o primeiro e o segundo semestre estará na composição do crescimento. “A participação doméstica, no crescimento, vai ser a maior — e mais importante — desde o início do governo Lula”, avalia Edward Amadeo, sócio da Tendências Consultoria e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda.

Nos primeiros quatro meses, isso já começou a ocorrer. A produção industrial cresceu 6,5% no acumulado até abril em relação ao mesmo período do ano passado. Deste total, 2,6 pontos vieram das exportações e 3,9 pontos percentuais foram provocados pela demanda interna, segundo estimativa da Rosenberg & Associados.

Amadeo diz que se a taxa de câmbio se mantivesse próxima a R\$ 2,95, a participação doméstica no crescimento seria ainda mais significativa. “O câmbio acima de R\$ 3,0 estimula setores que exportam; e, no nível anterior, ele ajudaria mais aos setores que geram empregos”, pondera Amadeo. O dólar mais alto, ao contrário, encarece os preços internos e reduz a renda real. Nas contas da Tendências, o PIB chega a 4,0% este ano.

A MB Associados vê uma recuperação lenta e mantém sua projeção de uma expansão de 3,0% — podendo chegar a 3,5% — este ano. “A inflação mais alta e o juro estacionado não alavancam o crescimento. Impõem uma trava”, observa Monica Baer, da MB Associados.

Os mesmos indicadores que são utilizados por Souza e Amadeo para olhar com otimismo para os sinais de recuperação ainda são vistos com ceticismo por Monica. “A indústria tem sinais positivos, o comércio está só saindo do campo negativo e os dados de emprego e renda ainda são muito ruins”, pondera.

Há dados e dados. Para que o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, esteja certo e a produção da indústria de transformação de maio seja recorde, basta que ela cresça 0,5% sobre abril.

Monica está preocupada com os rumos da inflação. “As taxas mais altas podem não provocar uma reação de política monetária do Banco Central, mas elas afetam a renda disponível e vai sobrar menos recursos para o consumo de bens”, lembra a economista.

A inflação também entra na lista de preocupações dos economistas da UFRJ. “Nossa última reunião foi toda de discussão sobre as pressões inflacionárias”, conta Souza. “Ainda não está ocorrendo um repasse das altas da indústria para o consumidor. Mas esse é um risco”, diz ele. “Estamos mais preocupados com a inflação que com outros índices”, acrescenta.

Amadeo, da Tendências, resume as opiniões sobre eventuais impactos da alta de juros nos Estados Unidos. “A alta de 0,25% já está prevista e esperada. Qualquer coisa fora disso gera estragos”, pondera. Se for mais, é sinal de que o Fed espera uma inflação maior. Se não ocorrer, será sinal de que a economia não está crescendo, explica Amadeo.

“O risco de mais inflação não é grande, mas suficiente para gerar incertezas e uma reação de cautela no BC”, pondera Toledo, da MCM. Ele acompanha a relação entre o Índice de Preços no Atacado (IPA) e ao consumidor. E essa relação está no maior nível desde que o câmbio flutuou: nunca os dois índices estiveram tão distantes. Toledo vê nessa situação um sinal de fortes pressões de custos não repassados. “E quando a economia começa a crescer, o espaço para reajustes aumenta”, pondera.

Economia - Brasil

VALOR ECONÔMICO

30 JUN 2004